

QUE VALORES PARA 2013?

Defendo o poeta na cidade

A autora evoca o humanista Pico della Mirandola e a descoberta da verdade, da dignidade e da liberdade. E alerta para o medo. Onde ele se instala, perde-se a liberdade, a dignidade e “todos os valores que em regra são solidários com esses”. É a quinta de 13 pensadores a quem o PÚBLICO convidou a olharem para Portugal em 2013



Ensaio (5) Yvette Centeno

1. Começemos pelo nosso país: não será em 2013 muito diferente do que já está a ser, um país que resiste e tenta ultrapassar as dificuldades com que se depara. E todas, de algum modo, se inserem na perda, bem sofrida, dos grandes ideais da nossa cultura ocidental.

Não eram, no velho século XVIII, a Liberdade, Igualdade, Fraternidade, as grandes máximas norteadoras do novo pensamento? Que nas óperas de Mozart, mesmo nas menos óbvias, como *O Rapto do Serralho*, deixavam entender o caminho da fraternidade e do respeito mútuo na diferença (neste caso, do islão e do cristianismo)? Não irei desenvolver

o que penso ser uma triste realidade: a do regresso às guerras de oportunidade, religiosas e/ou políticas e económicas.

Em Portugal abriu-se o portão das contradições, fazendo da declaração de opostos um permanente jogo, uma permanente guerrilha de supostos interesses: uns contra os outros, todos entre si, usando e abusando de um populismo grosseiro e facilmente denunciável como tal.

Não levará a nada, espero eu - esse é o meu voto para 2013. Que a má governação dê lugar a uma governação mais experimentada, mais humilde, mais justa e mais fraterna.

A grande conquista que se deu, com o 25 de Abril, foi a da Liberdade. Mas liberdade não significa igualdade, não significa fraternidade, embora esses ideais pareçam ficar mais próximos. Depende do que cada um de per si e o país no seu conjunto fizerem dessa liberdade conquistada.

Fez-se muito, na saúde, na edu-

cação, no desenvolvimento cultural. Mas ainda há muito por fazer.

2. Discordei, em momento próprio, da nossa entrada na Europa (já não era a Europa da cultura, das nações, dos ideais assumidos...) e ainda discordei mais da entrada no euro, a moeda mágica, que, como tudo o que tem magia, traz consigo um castigo (omito o que viria a propósito, no exemplo do Fausto de Goethe, que é salvo *in extremis* pela compaixão da *Mater Gloriosa*...).

O nosso castigo está aí, bem à vista: desemprego fulminante, tirando a uns e a outros a esperança de um futuro melhor, para o qual se habilitaram;

desrespeito e abandono à sua sorte, melhor ou pior, dos mais velhos com os quais se tenta quebrar o laço de confiança tecido com o Estado, ao longo de muitos anos, para reformas e aposentações;

queda brutal da natalidade, deixando prever um entristecimento do país semelhante ao das ruas alemãs



depois da Guerra: lembro-me de Berlim, no final dos anos 50, das ruas onde os adultos passeavam cães, em vez de carrinhos de bebés!

Mas, ao contrário de França, onde nos anos 60 o quarto filho já dava para comprar casa, e surgiam obras como a de Christiane Rochefort com *Les Petits Enfants du Siècle*, de 1961, (ainda que com severa crítica ao modelo de habitação social), em Portugal a nova governação descursa esse problema. Seremos um dia apenas areia e mar, como na *Nau Catrineta*: já vejo terras de Espanha, areias de Portugal...

3. Temos então liberdade.

Mas o que alguns, e só esses, podem fazer de tal liberdade, é o que impede que a liberdade seja um bem não apenas desejado mas real e generalizado.

É livre quem tem fome e não pode comer?

É livre quem não pode escolher? Não podia outrora, não pode agora, não poderá amanhã?

Discordei, em momento próprio, da nossa entrada na Europa (já não era a Europa da cultura, das nações, dos ideais assumidos...) e ainda discordei mais da entrada no euro, a moeda mágica, que, como tudo o que tem magia, traz consigo um castigo



MIGUEL MANSO

A pulsão criadora, sendo livre, é modificadora: na imagem uma obra de Vihs/Alexandre Farto

4. Sabemos em Portugal que vendemos a alma ao diabo (à utopia de uma Europa distante) quando, a troco de euros, prescindimos de ter agricultura, pesca e a pouca indústria existente. Estávamos, talvez sem o saber, dou o benefício da dúvida, a prescindir da liberdade. Da grande liberdade que é o poder de escolha, o poder da decisão.

Quem não pode escolher não é livre e nós neste momento, como nos repetem todo o tempo, não temos escolha, não podemos decidir (alguém, sem rosto, está sempre a decidir por nós).

Ou melhor, temos só esta liberdade: a de deixar de existir, a de morrer à míngua, diante dos portões da fátura.

Não temos escolha, temos a factura!

5. Não me parece aceitável.

2013 tem de ser o ano de todas as discussões, para que se ponderem escolhas, feitas em consciência, responsabilidade e liberdade. Não só

em Portugal, mas na Europa, envelhecida e sem energia para a discussão e a mudança.

Rui Zink, para mim o autor do ano, descreve com um sentido do grotesco que se torna doloroso, de tão real, o que é a Instalação do Medo.

Onde o medo se instala perde-se a liberdade, perde-se a dignidade, e todos os valores que em regra são solidários com esses.

Nas instituições, privadas ou públicas, mais estas talvez, mas mesmo assim... a atmosfera carrega-se de silêncios, de olhares esquivos, de cabeças que abanam hesitantes sobre o que dizer ou não dizer, fazer ou não fazer...

Há fugas: as telenovelas, o futebol, talvez um Euromilhões.

Mas fugir não é solução.

6. O conceito de nobreza de espírito (Rob Riemen) que tanto gostaríamos de ver à nossa volta, exemplificado nos nossos governantes, na família, nos amigos, nos simples

colegas de profissão, tem algo a ver com o conceito de *degree*, tal como era entendido na Inglaterra do tempo de Shakespeare e podemos ver em muitas das suas peças. Podemos pensar em elegância e generosidade, de modelo francês, com algo de displicente em relação a quem seja o objecto dessa nobreza elevada. Mas julgo que no caso português é mais o conceito shakespeariano que faz sentido.

Simplificando, *degree* significa "ordem", define-se pela esfera social a que se pertence, que deve ser conhecida e mantida para que nada, na esfera social, política, individual ou cósmica sofra perturbação. A quebra de *degree* leva na natureza às grandes catástrofes, na política às grandes mudanças e revoluções, e na esfera pessoal à loucura e à morte.

Aconteceu entre nós uma quebra de *degree*: uma gente (um país) que saiu de outra esfera, irrompeu por aquela onde nunca devia ter entrado

(a governação e a Europa) e provocou toda a desordem que uma tal quebra arrasta consigo, isto é, o sofrimento individual e colectivo em Portugal como em alguma Europa e para o qual não se vislumbra de momento solução.

Não há soluções de sortilégio, mas há uma reflexão que se impõe. Um tempo, uma respiração. E por vezes a grande lição é dada pelo poeta, mais do que pelo pensador.

Um pensador da política, que desenhou o que seria, a seu ver, a cidade perfeita, por ser a cidade justa - refiro-me a Platão, na *República* - expulsou da cidade o poeta devido à dimensão dionisíaca, perturbadora da ordem, do génio criador.

7. Mas eu defendo o poeta na cidade. Não que deseje ou proponha a desordem, há um *degree*, também para o poeta. Mas porque sei que a pulsão criadora, sendo livre, nascendo da liberdade, é modificadora no melhor e mais pleno sentido da condição humana.

O Bom, o Belo, o Verdadeiro são a tríade desejada.

Há um momento, na tragédia de Ricardo II, em que o jardineiro se dirige ao rei, entretanto despojado, de sua própria mão e iniciativa, de todos os atributos da dignidade real.

Diz o jardineiro, no acto III, dirigindo-se a um dos ajudantes:

"Vai, e como um carrasco corta as cabeças das excrescências

que pairam demasiado nesta comunidade:

tudo tem de ser igual na nossa governação."

E adiante dirá que foi grande pena que o rei, agora deposto, não tivesse sabido cuidar do reino como ele, jardineiro, cuidava do seu jardim!

O rapaz que o ajuda exclama para quê "manter a lei, a ordem, a proporção devida" (aludindo precisamente ao conceito de *degree*) pretendendo "que o país seja um exemplo, se aquele jardim murado e rodeado de mar está cheio de ervas daninhas, com os terrenos a fervilhar de minhocas?" O jardineiro explica-lhe então que a desordem, com a queda do rei, chegou ao fim...

Grande lição, que serve para todos os tempos, e nos deverá servir a nós, em Portugal, no ano 2013 e nos seguintes.

Há que aparar, no jardim do país, o que é planta ruim, o que é erva daninha, como faz todo o bom jardineiro.

8. Finalmente, a Europa: Os ideais humanísticos da Europa

de hoje tomaram forma no século XVI, com um renovado pensamento filosófico, científico, religioso. Morreu-se por novas convicções, por novas liberdades. No século XVIII o discurso haveria de ser afinado. E uma das marcas seria precisamente a do direito à diferença, reconhecido, respeitado.

Na nossa diferença, livremente afirmada, reside o segredo da nossa dignidade.

Mas já antes, pela voz tão precursora de um humanista como Pico della Mirandola (1463-1494) no seu discurso sobre a dignidade do homem (*Oratio de hominis dignitate*, que seria a introdução às *Novecentas teses filosóficas, teológicas e kabalísticas*) se tinham semeado os grandes ideais da mudança dos tempos, na Europa, e não só.

Propõe, aos 24 anos, tão cheios de erudição, uma "filosofia nova": um pensamento aberto, acolhendo todas as doutrinas que, desde os Mistérios da Antiguidade (refere-se, em especial, a Apuleio) até às Escrituras Reveladas, tenham emanado do que ele define como "vontade de verdade". Pelo modo como foi criado, adquiriu o homem uma especial capacidade, a de se determinar e à sua vontade, em liberdade. Ao contrário das outras espécies, tem o homem "consciência de si" e do mundo em redor. E, acima de tudo, uma "vontade" de ser e de se conhecer a si mesmo, que lhe é própria, que o torna livre, e permite que busque nos sábios gregos e orientais, nos místicos da *Kabala* judaica, na Filosofia árabe como na dos místicos cristãos, um universalismo fundamentado em princípios, como o tão importante da Dignidade do Homem.

Este discurso permanece inédito na altura, as teses serão publicadas em 1486 e, como seria de esperar, condenadas pela Igreja.

Mas nós, neste Portugal e nesta Europa do século XXI, poderemos sempre encontrar nele, quando e se necessário, um dos grandes exemplos de Filosofia Moral de todos os tempos.

Terá chegado a Hora?

*Escrito

Amanhã, Alfredo Bruto da Costa

Esta série tem o apoio de:

Millennium
bcp